MARIA LUÍSA MALATO[1]

EDUARDO LOURENÇO: A «COINCIDÊNCIA DOS OPOSTOS» E A «FIGURA» DO OXÍMORO

Eduardo Lourenço: the «coincidence of opposites» and the «figure» of the oxymoron
Abstract
O Esplendor do Caos is a paradigmatical book of Eduardo Lourenço that proposes us, right from the title, the expression of a dialectical thought. However, it does not propose us a dialogue between successive forms of orthodoxy and heterodoxy, thesis and antithesis, rule and transgression: rather the permanente and necessary tension between Chaos and Order, the author seems to value both the Splendor of Chaos and the Proportion of Order. It brings together essays scattered over almost a decade (like *Ocasionais*, in 1984, or *Destroços*, in 2004), but there's little that's occasional or scattered about it. It was published in 1998, 500 years after Vasco da Gama's arrival in India. And yet we seem to be proposing an aimless journey as a model, an adventure with no origin other than the inorganic itself, even if the purpose is the *imperium*. Is Chaos still a place of creation? What is the Splendor of Chaos? Mere juxtaposition? Significant chance?

[1] Universidade do Porto/ ILCML/ IF; Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5836-8532; borralho@letras.up.pt. Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Filosofia (colaboradora) e no Instituto de Literatura Comparada (investigadora), Unidades I&D financiadas por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (respetivamente e UIDB/00502/2020 e UIDB/00500/2020).

Perhaps Eduardo Lourenço disturbs us because of this amplified oxymoron.
Keywords: Eduardo Lourenço, Oxymoron, *Coincidentia oppositorum*, Chaos, Sublime, Rhetoric

Resumo
O Esplendor do Caos é um livro de Eduardo Lourenço que tem, desde logo no título, a expressão de um pensamento dialético. Todavia, não nos propõe um diálogo entre formas sucessivas de ortodoxia e heterodoxia, tese e antítese, regra e transgressão: antes a permanente e contemporânea tensão entre o Caos e a Ordem, valorizando o autor tanto o esplendor do Caos como a proporção da Ordem. Reúne ensaios dispersos por quase uma década e aproxima-se de livros colocados sobre idêntica desorganização (como *Ocasionais*, de 1984, ou *Destroços*, de 2004), mas pouco tem de ocasional ou disperso. Foi publicado em 1998, 500 anos depois da chegada de Vasco da Gama à Índia. Porém, parece propor-nos como modelo uma viagem sem rumo, uma aventura sem outra origem remota que não seja a própria aventura, ainda quando a finalidade é um *imperium*. É o caos ainda lugar de criação? O que é o esplendor do caos? Mera justaposição? Acaso significativo? Talvez Eduardo Lourenço nos perturbe por causa deste vasto oxímoro.
Palavras-chave: Eduardo Lourenço, *Coincidentia oppositorum*, Oxímoro, Sublime, Retórica

Quando imagino Eduardo Lourenço, sempre ele me aparece a andar e a conversar, ainda que a maior parte do tempo em que o vi ele estivesse sentado e em conferência com muitos. Andar e conversar são, todavia, a imagem mental que dele tenho, como se ambas as ações, andar e conversar, fossem a melhor representação do seu pensamento, fluido e dialogante. Tento perceber a minha representação como se ela fosse um sonho ou o desenho de uma criança: a representação é mais um produto da minha imaginação do que da minha observação, mas a minha imaginação parece ser mais verdadeira que a minha observação. Imagino Eduardo Lourenço a conversar andando, ou a andar conversando, como se as duas ações fossem uma só…

Não está numa Escola de Atenas, como se eu o tivesse posto no quadro de Rafael. Também não há oposição entre ele e o seu companheiro de caminhada. Um não estende a palma da mão e o outro não aponta para os céus, com o indicador em riste. Gesticulam ambos, com gestos redondos. Estão também sozinhos, sem discípulos ou espetadores nas escadas de um templo. Não há templo: só um caminho que a custo se vê entre as ervas que podem a todo o momento fechar o caminho. Não reconheço o companheiro, mas, na minha memória feita de coisas imaginadas, cruzam-se a minha lembrança de Eduardo Lourenço e os passeios com meu pai, ao longo de um canavial, e ele afiava uma cana para me fazer uma flauta. Coloco-os no mesmo local, com a mesma displicência que usa um poeta ou um doente de alzheimer. Limo a realidade e não me preocupa tanto o nome que as coisas tiveram como me atrai a sua comum funcionalidade. A história é sobre aquele tempo único em que Hermes passeava com Apolo. Hermes, ou Mercúrio para

os latinos, era o deus das trocas, da interpretação, da inter-pret-ação, a técnica de fazer equivaler preços ou valores, deus dos tradutores, dos comerciantes e dos ladrões: Hermes tinha nascido de madrugada e antes da noite cair já tinha roubado todo o rebanho de Apolo. Foi para compensar Apolo que Zeus obrigou Hermes a oferecer-lhe a lira. Dizem também que, nesse dia único, Hermes pediu a Apolo o dom da profecia, que é também uma espécie de equivalência entre o passado e o futuro. Outros dizem que ele não pediu nada, só andava caminhando com Apolo – deus da razão e da poesia – quando viram no meio do matagal à beira do caminho, duas serpentes que lutavam uma com a outra. E Hermes teria pegado no seu cajado, ou no cajado de Apolo, e o teria espetado entre elas. Enrolaram-se então ambas as serpentes no bastão, e deixaram de lutar: o caduceu, símbolo da conjugação dos opostos, ficaria como insígnia de Hermes.

Talvez a minha cabeça saiba, melhor do que a minha consciência, porque se juntam assim as leituras de Eduardo Lourenço, os caminhos percorridos com meu pai e a história do caduceu de Apolo, ou de Hermes. Eduardo Lourenço foi representando para mim, ao longo dos anos em que o leio, uma memória de paz e uma profecia de perturbação, em que nunca dou por acabado o sentido das histórias (da História também). Por vezes fecho os seus livros porque eles me abalam demasiado as ideias que eu quero, ou julgo, fixas. E por essa mesma razão que por vezes fecho livros de Platão ou Nietzsche, nunca abuso de Jung e da literatura hermética (a de Hermes?), que sempre acabo por reabrir. Plutarco ou Shakespeare têm por vezes o mesmo efeito, ao narrar as ironias da História. As *Vidas Paralelas* não são tanto uma contraposição de heróis gregos e romanos, mas uma visão iterativa da *hybris* ou da *philotimia*, que nos mostra o lado luminoso e negro de cada personagem, destinada a repetir erros de percurso. E o mesmo sucede com o rei Lear.

Talvez seja isto que faz a arte. Talvez a arte *seja* isto. Em Eduardo Lourenço ou em Agustina Bessa Luís: Hermes e/ ou Apolo, o cajado e a lira, um de cada vez, trocando as artes, ambos me viram o pensamento ao contrário, levando-o às últimas consequências. Talvez por isso me agradam os oxímoros em ambos. Os melhores oxímoros são como os aforismos, matérias igualmente condensadas e transportáveis:

> O autêntico aforismo não é uma arte – é uma espécie de pastorícia cultural. Não está destinado a divertir nem a chocar as pessoas, mas, acima de tudo, propõe-se transmitir uma orientação. É uma lição. E não o pretexto para uma pirueta. […] O sábio é o homem que amou tanto a casa em festa como a casa em luto, e o fim e o princípio de todas as coisas.[2]
>
> O amor é o invisível no habitual.[3]

[2] A. Bessa Luís, *Dicionário Imperfeito*, sel. Manuel Vieira da Cruz, Luís Abel Ferreira, Guimarães Editores, Lisboa 2008, p. 12.

[3] *Ibid*, p. 17.

Talvez seja ainda o que nos seduz em Kierkgaard, em Camus, ou em Montaigne. Ou até em Heidegger ou em Bachelard, ou Simmel, ou no derradeiro Barthes. Na verdade, o preceito do caduceu de Apolo, ou Hermes, a da coincidência dos opostos, *coincidentia oppositorum*, é o mais terrífico dos desafios que podemos colocar ao pensamento: exige de nós o pressuposto de que, no fim de cada ideia, se encontra, no seu percurso ou limite, o contrário do que nela buscámos. Bondade? Justiça? Beleza? O desejo de Bondade leva à severidade do crime: lembra-me muitas vezes a mãe de Filinto Elísio (agora reparo no que de paradoxal tem o nome arcádico) a acusar o filho no Santo Ofício para lhe salvar a alma… O desmedido desejo de Justiça elimina a misericórdia, que não é senão uma injustiça que permite corrigir a outra desmesura que é repetir *ad nauseam* a lei de Talião… A sede de Beleza inflama a arte e, no limite, leva-nos a colocar um cão faminto numa sala de exposições para nos fazer ver a omnipresença da morte… Tantos Infernos que nascem do Paraíso. E não nasceram tantos Paraísos também de Infernos? Paraísos prosaicos, imprevistos: «Quero-lhe tanto, como a comida quer o sal»[4], afiançava uma princesa de um conto português dizendo o mesmo que Cordélia, a filha mais nova de Lear…

Se interesse há em estudar estas questões na obra de Eduardo Lourenço é porque as questões retóricas nunca são mera «retórica»: nunca se trata aqui de adorno, mas de intensidade persuasiva. Nesse sentido, a Retórica cruza-se com a Estética, como sucedia em Aristóteles ou Isócrates. Para que haja qualidade retórica (a qualidade da fluência, que, em grego, está no prefixo *rhe*), é preciso que haja uma unidade ou um diálogo, entre a forma e o conteúdo, e que essa unidade seja reconhecida pela audiência, confundindo-se com naturalidade. Mas essa fluência/ naturalidade (reconhecível pela audiência, ainda que de uma forma inconsciente) pode ser assumida pelo orador, pelo escritor, pelo sujeito, que desde logo se persuade a si próprio da sua autenticidade. Somos a forma que queremos dar à nossa substância…

O que digo nada tem de original certamente, desde logo no que toca à bibliografia passiva de Eduardo Lourenço, já alvo de vários estudos sobre a sua retórica. Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi sublinham a importância de saber ler retoricamente Eduardo Lourenço, já que a sua escrita «exige uma capacidade de leitura não primária ou estereotipada, reivindica uma epistemologia adequada. […] Ironias, paradoxos, hipérboles, elipses, antonomásias, e tantas outras, são figuras recursivas, de matriz literária, inteligentemente usadas, numa economia faustosa da arte de pensar»[5]. Já numa obra de *Estudos* sobre Eduardo Lourenço como a que cuidadosamente organizou Maria Manuel Baptista, podemos salientar múltiplos ensaios sobre aspetos atinentes. Daniela

[4] T. Braga, *Contos Tradicionaes do Povo Portuguez*, Livraria Universal de Magalhães e Moniz Editores, Porto 1883, Conto 50: «O sal e a água», p. 122.

[5] M. Calafate Ribeiro/R. Vecchi, *Eduardo Lourenço: uma geopolítica do pensamento*, Ed. Afrontamento, Porto 2023, p. 14.

Oliveira, em «A Língua no Imaginário Lusófono»[6], estudou em Eduardo Lourenço as estratégias do exemplo, da analogia e da metáfora: o «engenhoso pensador», apanharia o seu leitor numa «teia argumentativa», e provocaria em muitos aquela mesma sensação de ficar preso como uma mosca no seu tranquilo propósito. Maria Teresa Magalhães realça precisamente essa sensação de desconforto: Eduardo Lourenço é, segundo esta investigadora[7], um pensador retoricamente «inconfortável». Patrícia Sacadura realçará a estratégia indutiva de Eduardo Lourenço, que parte quase sempre do caso prático, para a teorização sobre a *praxis*: tal estratégia indutiva seria uma forma de preterição, de previsão e antecipação retórica das críticas a que se vê sujeito, dada a solidão do seu raciocínio[8]. Liliana Fernandes, num estudo que se deve ler como paralelo aos restantes, lerá, agora na estratégia da analogia, uma idêntica construção da liberdade de pensamento[9]. Turíbia Figueiredo referiria o oxímoro como estratégia estilística que devia ser lida em conjunto com a dimensão irónica, metafórica e até hiperbólica.[10]

Talvez seja ainda o pensamento do oxímoro, que Eduardo Lourenço sublinhou em Hegel ou em Fernando Pessoa, que o levou a fazer tese académica precisamente sobre *O Sentido da Dialética no Idealismo Absoluto*. Não podemos deixar de aproximar a tese de licenciatura de Eduardo Lourenço de um conhecido título de James Hutchinson Stirling, *The Secret of Hegel*, que teve a primeira edição em 1865. Hegel é aqui também o filósofo que condensa dois Kants, o da Razão Pura e o da Razão Prática. Hegel é um pensador que – de uma forma ainda mais clara que Kant, segundo Stirling – não desejou senão reconciliar opostos e neutralizar o atomismo materialista.

> Here is the secret of Hegel, or rather a schema to a key to it: Quantity - Time and Space - Empirical Realities. […] Empirical Realities, so far as they are Quantities (what is other than Quantity in them has other Categories to correspond to it), are but a further potentiating of the outwardness of the thought Quantity, but a further materialisation, so to speak. Here lies the germ of the thought of Hegel that initiated his whole system. The universe is but a materialisation, but an externalisation, but a heterisation of certain thoughts : these may be named, these thoughts are, the thoughts of God.[11]

[6] D. Oliveira, «A Língua no Imaginário Lusófono», in M. Manuel Baptista (coord.), *Estudos*, Ed. Ver o Verso, Maia 2006, vol. I, pp. 57-69.

[7] M. T. Magalhães, «Lourenço, Agostinho da Silva e Pessoa: a proximidade transposta em distância ou um quase-equívoco argumentativo», in M. Manuel Baptista (coord.), *Op. Cit.*, pp. 85-94.

[8] P. Sacadura, «A Odisseia diarística», in M. Manuel Baptista (coord.), *Op. Cit.*, pp. 95-110.

[9] L. Fernandes, «Liberdade Francesa – Ficção ou Realidade?». in M. Manuel Baptista (coord.), *Op. Cit.*, pp. 135-147.

[10] T. Figueiredo, «A maravilhosa cegueira da Nova Poesia», in M. Manuel Baptista (coord.), *Op. Cit.*, pp. 71-83.

[11] James Hutchison Stirling. *The Secret of Hegel: Being the Hegelian System in Origin, Principle, Form and Matter*, 2nd ed., Oliver & Boyd & Simpkin, Marshall & Co., Edinburgh/ London 1895, pp. 84-5.

Será fácil demonstrar a declarada rutura de Eduardo Lourenço com a ortodoxia católica ou cristã. Mas é mais fácil ainda perceber a sua profunda religiosidade, feita de ligações, religações a que não é alheia a sua *matriz* católica. Simbolicamente, o Prémio Árvore da Vida-Padre Manuel Antunes 2020 foi-lhe atribuído em abril de 2021, pela Igreja Católica, através do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, mas nunca lhe chegou a ser pessoalmente entregue. Talvez significativamente, o P.e Manuel Antunes era também um religioso heterodoxo que recorria com frequência «à lógica da polaridade dialéctica»[12]. O fascínio de Eduardo Lourenço pelo mito parece precisamente derivar dessa convergente religiosidade primordial, que vem até de antes da Igreja, matriz da sua matriz. Uma das etimologias do *mythos* remete precisamente para essa voz muda dos deuses:

> Do meu eterno presente corria para a alvorada dos tempos e também ao encontro dos que ainda não existem numa luz unida, sem começo nem fim. A minha luz, a luz de Deus em mim, eu como luz de Deus, era uma só coisa. Por isso eu existia antes que Abraão existisse. […] Eu disse uma vez que nenhum esplendor humano pode igualar o do lírio dos campos. Mas é porque os olhava no espelho de Deus, nos meus próprios olhos.[13]

O mitólogo tem sempre presente um tempo e um espaço transversal. Ora também Eduardo Lourenço valorizará sempre, aqui *et passim*, como Hegel e Stirling, a percepção intelectual de um Tempo e um Espaço transversais que o aproximam de Deus, ainda que sempre evite pronunciar o seu nome em vão: «Quando nós falamos de Deus nós falamos sempre de 'outra coisa'»[14]; «O tempo é ininvocável»[15]. Essa unidade variável e una de Deus, ou do Tempo, vai também encontrando a sua melhor expressão nos oxímoros dos poetas que lê, comenta e prefacia, como Camões, autor de um «requiem épico»; Cesário Verde, poeta duplo; Antero de Quental, que viu nas Descobertas o início da decadência; Teixeira de Pascoaes, que realça em nós a «saudade do futuro»; Garrett, eterno clássico romântico; Albano Martins, atento desde os primeiros versos à «secura verde» que existe em tudo... Ou nos oxímoros de historiadores que viram na História de Portugal uma «intrínseca loucura», como Oliveira Martins; um Portugal-menino-jesus-das-nações, como Agostinho da Silva… Ou ainda nos daquele engenheiro que, no *Labirinto da Saudade*, lhe definia Portugal

[12] *V. g.*, em M. Antunes, «Iluminismo», *Enciclopédia VELBC. Ed. Século XXI*, Verbo, Lisboa 2000, vol. 15, cols. 482-492.

[13] *Público*, 20/3/2000, cit. por Maria Manuela Cruzeiro/Maria Manuela Baptista *Tempos de Eduardo Lourenço - Fotobiografia*, Campo das Letras, Porto 2003, p. 131.

[14] E. Lourenço, «Do discurso 'Sobre Deus'» [6, 1968] *O Tempo e o Modo, Antologia*, CNC/FCG, Lisboa 2003, pp. 109-112.

[15] Eduardo Lourenço, «Sobre o Tempo», Baptista, Maria Manuel (ccord.), *Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço. Dos críticos.* Ver o Verso, Maia 2004, p. 16.

como «um povo de pobres com mentalidade de ricos»[16]…

Talvez tenha sido ainda a totalidade paradoxal de Fernando Pessoa que o tenha interessado como poeta e pensador: exotérico e ortodoxo, esotérico e heterodoxo. Também ler o oxímoro em Fernando Pessoa seduziu José Augusto Seabra[17], Roman Jakobson[18], João Barrento[19] ou António Apolinário Lourenço[20]... Abreviadamente, o processo de mitificação é um processo cíclico de oximorização das antíteses. Prova abundante forneceria o primeiro poema da *Mensagem*, «Ulisses», a premissa primeira desse «nada que é tudo», réstia de sol: «O corpo morto de Deus,/ Vivo e desnudo. […] Assim a lenda se escorre/ A entrar na realidade,/ E a fecundá-la decorre./ Em baixo, a vida, metade/ De nada, morre»[21]…

Tomemos como argumento de autoridade o comentário que deste poema de Fernando Pessoa fez António Apolinário Lourenço: «Com recurso ao oximoro, fica aqui *perfeitamente insinuada* a natureza utópica do grande sonho veiculado pelo poeta neste livro: o Quinto Império»[22]. Faz-se aqui sem dúvida referência, ainda que também através de um oxímoro («perfeitamente insinuada») a um modelo hermenêutico através do qual Eduardo Lourenço procura, segundo os argumentos de Maria Manuel Baptista, compreender uma esfera cultural não excluindo dela uma reflexão «tendencialmente utópica»[23]. A dimensão utópica é sempre amargo-doce, pelo menos tão doce quanto amarga. Com efeito, escreveria João Barrento sobre essa outra duplicidade:

> Como Pessoa, Eduardo Lourenço é o ensaísta-poeta para quem Portugal funcionou como uma espécie de metonímia, *um* mundo que reflecte o estado *do* mundo, lido quase sempre e*x negativo*, ou pelo menos com aquele substrato de ironia kierkegaardiana presente em ambos. Ao ler-nos, e aos nossos desastres, Pessoa e Lourenço fazem-no com recurso às figuras dominantes da antítese e do paradoxo, do oxímoro e da ironia construtiva que os lançam para os terrenos de uma escrita e de constelações de pensamento típicas daquela écriture *du dés-astre* (Blanchot) que os colocam fora das órbitas habituais, sem referências nem "pares", em pleno espaço da *heterodoxia*.[24]

---

[16] E. Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, Gradiva, Lisboa 2020, p. 127.

[17] Cf. J. A. Seabra, *Oxímoros*, Granito Editores, Porto 2001.

[18] Jakobson, Roman (1970). «Os oximoros dialéticos de Fernando Pessoa», *Linguística. Poética. Cinema*. Trad. de Haroldo de Campos *et alii*, Ed. Perspectiva. São Paulo 2007, pp. 93-118.

[19] Cf. J. Barrento, *O Género Intranquilo, Anatomia do Ensaio e do Fragmento*, Assírio e Alvim, Lisboa 2010.

[20] Cf. A. A. Lourenço, *Fernando Pessoa*, Edições 70, Lisboa, 2009.

[21] F. Pessoa, *Mensagem*, Parceria António Maria Pereira, Lisboa 1934, Obra édita disponível *online*: http://arquivopessoa.net/textos/1274 (acesso em 20/3/2024).

[22] A. A. Lourenço (ed.), *Mensagem*, de Fernando Pessoa, 2008, p, 82, itálico nosso.

[23] Cf. M. M. Baptista, *Eduardo Lourenço. A paixão de compreender*, Asa, Porto 2003.

[24] No mesmo livro de João Barrento, dialogando com o ensaio «As pedras brancas de Eduardo Lourenço», se devem ler as «Afinidades Electivas», umas folhas manuscritas sobre "Mon maître à penser".

Se é verdade que também em Eduardo Lourenço ocorre aquele processo de transposição identitária que ele quase sempre realçava nos autores que lia – «transforma-se o amador na coisa amada», pois em si tem a parte desejada – então mais facilmente se compreende a obsessão pelo oxímoro. Ele exprime o encontro e a busca, esse estar não estando, já que o vivo e puro amor de que o autor é feito o leva como matéria simples a buscar sempre a forma. É nesse sentido que aqui definimos Eduardo Lourenço pelo seu *corpus*, pelos seus livros e autores de que foi alimentando o seu pensamento. O seu *corpus* é a sua retórica: daí ele também afiançar que, ao longo da sua longa vida de ensaísta, só fez autobiografias. A sua atitude é de «sismógrafo de si mesmo», a sua metodologia é a de alguém «distraidamente atento»[25]. Mas o seu objetivo é entender uma sinfonia inaudível, como a que lhe sugere Jolivet: «Variações do espírito não sobre as águas mas obre o lugar onde as procuramos em vão, despidos de todos os poderes. O nada busca-se a si mesmo, o caos procura um nome para o seu tormento»[26].

O interesse de Eduardo Lourenço pela crítica de Adolfo Casais Monteiro parece advir dessa *matrioska* do mundo. Também para Adolfo Casais Monteiro a obra de Fernando Pessoa oferecia ao leitor moderno uma rara unidade, «como que uma névoa luminosa» dentro da obscuridade que é a do «poço sem fundo dos mundos que o homem alcança». E específica: «Que a multiplicidade de planos não nos iluda: que importa quanto se contradigam certos heterónimos, se ao fim nos resta uma impressão de totalidade?»[27]. Ora em Eduardo Lourenço encontramos esse mesmo fascínio e consciência de uma oposição no mesmo termo, que não implica contradição: «O Pessoa é sempre ele e o contrário dele», afirmaria Eduardo Lourenço.[28]

Temos a forma que esculpimos em nós, pois não há outra. Nesse sentido se deve usar aqui o oxímoro, e o termo «figura retórica». O termo retórico da «figura» vem da escultura: significa «dar forma», «moldar». A «figura» dá forma ao pensamento, é o pensamento, e o pensamento torna-se identificável por essa «figura». Se figura matricial há no pensamento de Eduardo Lourenço, essa figura é o oxímoro: não uma oposição entre pensamentos, correntes, indivíduos ou coletividades, mas o (re) conhecimento de uma natureza dinâmica, feita de opostos que se complementam numa mesma unidade, sem princípio ou fim. Um tempo *im-per-feito*, isto é, literalmente, *não-completamente-acabado*.

É nesse sentido que o pensamento de Eduardo Lourenço é feito de completa imperfeição – a que busca em si, a que encontra nos outros e em Portugal, no Brasil

[25] Eduardo Lourenço *apud* P Sacadura, «A Odisseia diarística», in M. Manuel Baptista (coord.), *Op. Cit.*, p. 102.

[26] E. Lourenço, *Tempo da Música. Música do Tempo*, org. Barbara Aniello, Gradiva, Lisboa 2022, p. 47.

[27] A. C. Monteiro, *A poesia de Fernando Pessoa*, org. José Blanco, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa 1999, p. 56.

[28] P. Poma, F. Ribeiro [Entrevista a Eduardo Lourenço], «Eduardo Lourenço: amigo dos poetas", Revista *Desassossego*, Número Especial: Coletânea de Entrevistas. 13, 24, Abril 2021.

que há em Portugal, ou o Portugal que há no Brasil, uma lusofonia híbrida e variável, ou os emigrantes em França, ele próprio em Vence, vendo Portugal de longe... Há sempre uma unidade feita de contradições aparentes. Também assim ele entende a Europa, ou os Estados Unidos da América. *Um* mundo *no* mundo, um nada que é tudo: «É fatal. Quando falamos de mitos acabamos por nos tornar mitológicos. […] Bolas! O homem não tem essência: fá-la com a sua marcha, que nem era uma marcha, mas várias, como sabia Édipo».[29]

É certo que aplicamos aqui a palavra «oxímoro» no sentido retórico vasto que lhe confere Heinrich Lausberg[30]. Como figura retórica, o oxímoro pode apresentar-se sob múltiplas formas e conjugado com muito diferentes figuras, desde logo como variante da antítese, a oposição entre grupos de palavras isoladas ou sintaticamente coordenadas. Mas o oxímoro, mais incisivamente que a antítese no seu sentido mais amplo, instala no leitor/ espectador uma tensão irrecusável, que, em Eduardo Lourenço, constantemente se desdobra em mil outras tensões, sem nunca se resolver. Refira-se a tensão (subtil, mas crescente) que o oxímoro estabelece, muitas vezes partindo de uma rígida e conhecida antítese/ oposição:

a) entre o portador da qualidade (substantivo, verbo) e a qualidade em si (adjetivo, advérbio). Partindo, por exemplo, de um exercício de Filosofia Comparada, a própria ideia de Caos e Ordem são reversíveis, independentemente da cultura portadora da qualidade: «[…] a mitologia grega, contrariamente à visão bíblica, imaginou que, no princípio, era o caos. […] Na verdade, só um povo naturalmente amante da ordem, da harmonia, embora sensível a tudo o que pudesse perturbá-la, poderia ter concebido a ideia de 'caos', não apenas como ameaça no coração do cosmos, com a sua regularidade e as suas leis, mas como, por assim dizer, condição de toda a ordem. Em suma, o caos como exorcismo».[31]
b) entre as qualidades (entre adjetivos ou entre advérbios). Sobre a pintura de Vieira da Silva escreverá Eduardo Lourenço que o «mais impenetrável e insubordinável tornou-se familiar e habitável, embora sempre à beira de precipícios, de perspectivas abismais, de vertigens e terrores que são, e serão sempre – até em sonhos – a *rançon* da nossa frágil espacialidade. Mas tudo quanto podia conquistar-se a partir dessa fragilidade, uma tímida e intemerata mão o realizou por nós»[32].
c) entre o prefixo e o radical na mesma palavra. Eduardo Lourenço usa por vezes a palavra «extraordinário», partindo-a em duas partes semanticamente

[29] E. Lourenço, *Ocasionais I*, A Regra do Jogo, Lisboa 1984, p. 51.

[30] H. Lausberg, *Elementos de Retórica Literária*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1972, parágrafo 389.3, pp. 230-1.

[31] E. Lourenço, *O Esplendor do Caos*, Gradiva, Lisboa 2002, pp. 5-6.

[32] E. Lourenço, *O Espelho Imaginário. Pintura, Anti-Pintura, Não-Pintura*, Gradiva, Lisboa 2023, p. 123.

antagónicas: a excepcionalidade *vs.* a vulgaridade. Leiam-se, nesse sentido, as referências a um «extra-ordinário Fernando Pessoa»[33], ou a um «extra-ordinário» Agostinho da Silva[34].

d) entre sentidos diferentes da mesma palavra, aproximando e distinguindo, como sucede com a antanáclase. É nesse intuito que Eduardo Lourenço usa frequentemente palavras como «Acaso», «Por certo», «Sem dúvida» que, na língua portuguesa, querem dizer incerteza, mesmo exprimindo segurança. Ao receber o Prémio Camões, afirmará, por exemplo, que «Um ensaísta é uma criança que brinca no adro da Cultura. Sem dúvida para evitar que os seus servidores o tomem por Deus. E pior ainda, que eles mesmos se tomem por Deus»[35]: a incerteza é aqui uma suspeita de ironia (a da criança, do louco, do poeta, do bobo ou do estrangeiro): uma possibilidade para dizer o que normalmente não é dito, destruindo em catadupa, primeiro, a arrogância de discípulos, depois, a arrogância dos mestres. Mas o mesmo processo ocorre, por exemplo, com a palavra «metafísico», em que frequentemente ocorrem dois sentidos que em geral se anulam: o que está *para além do* que é físico e o que está *na continuidade do* físico[36]. O mesmo se passa com as palavras «decomposição» ou «definição», ou outras em que o prefixo «de-» pode querer significar negação, mas também enfatização. Também uma frase aforística como «Somos todos índios a título póstumo»[37] nos merece considerações sobre a ambiguidade de tais índios», viajantes, invasores, que chegam à América do Ocidente, ou à Índia do Oriente? Não será por acaso, cremos, que a epigrafe do ensaio «Caos e Esplendor», abrindo *O Esplendor do Caos*, é uma citação de Hermann Hess, extraída da sua *Viagem ao Oriente* (1933), quando nunca se pretende falar da Ásia: «Em parte alguma uma unidade, um centro, um ponto em volta do qual a roda gire»[38]…

De certa forma, estas subtilezas do oxímoro em Eduardo Lourenço não devem ser lidas sem esta permanente inversão do pensamento, que também se exprime pelo quiasmo (inversão cruzada de objetos e qualidades). É como se, para cada oxímoro, houvesse até a possibilidade, quase automatizada, de inverter as qualidades do portador da qualidade (substantivo, verbo) e qualidade em si (adjetivo, advérbio). Até que

[33] E. Lourenço, *O Esplendor do Caos*, pp. 225-236.

[34] E. Lourenço, «Um homem extra-ordinário", in Luís Machado; Agostinho da Silva, *A* última *conversa. Agostinho da Silva*, Editorial Notícias, Lisboa 2002, Prefácio.

[35] E. Lourenço *apud* C. Mendes de Sousa, «Eduardo Lourenço: a cidade, o poema», in *Relâmpago*, n.º 22, 4/ 2008, p, 104.

[36] M. M. Baptista, *Estudos*, Vol. I, p. 93 e p. 108.

[37] E. Lourenço, *A Morte de Colombo*, p. 33.

[38] E. Lourenço, *O Esplendor do Caos*, p. 5.

ponto é Fernando Pessoa um «nacionalista místico» ou um «místico nacionalista»?[39] Até que ponto «a questão do casamento» não é «o casamento em questão»? Não serão «as descobertas como mito» tão determinantes quanto «o mito das descobertas»?[40]

Lausberg realçará a importância destes estratagemas retóricos nos discursos com «graus fracos de credibilidade», isto é, discursos que, de certa forma têm consciência de um desproporcionado poder de ortodoxos e heterodoxos, vozes da *eudoxa* ou críticos dela, entre juízes e oradores. O oxímoro seria então uma figura do «pensamento débil» (Gianni Vattimo), ou uma tática da «retórica da sedução», oposta à «retórica do predador» (Michel Meyer), a par de outras figuras do pensamento, como a ironia (perguntar em vez de afirmar), a litote (preferir a formulação negativa à afirmativa), ou o eufemismo (adoçar a amargura do sentimento)…

Nesse sentido retórico, o oxímoro pode igualmente ter como sinónimos conceitos que, nas ciências, podem ser explicados por outras palavras. É o que sucede com a palavra «osmose», que parece agradar especialmente a Eduardo Lourenço por com ela, *tertium genus*, conseguir fugir a rótulos bipolares.

> [Paola Poma]: Numa entrevista a Maria Ivone Ornelas de Andrade, o Professor se declara um "leitor osmótico" e faz questão de distinguir os tempos diferentes da paixão literária (tempo da ofuscação) e o da paixão filosófica (tempo da abertura). Me lembrei do Pessoa que dizia ser um poeta inspirado pela filosofia e não um filósofo inspirado pela poesia. E o Sr.?
>
> [Eduardo Lourenço]: Nem uma coisa nem outra. Eu fui definido no princípio como sendo um ensaísta. Basta. Ensaísta é uma coisa vaga, serve para tudo. De maneira que também posso caber aí.[41]

A «osmose» parece-nos um conceito biológico que se pode associar à figura retórica do «oxímoro». A osmose é uma propriedade que permite a certas substâncias penetrar ou sair pelas membranas das células, de forma a garantir um determinado fim criativo: a alimentação, a reprodução ou a defesa (involuntária e ocasional). De certo modo, a osmose confunde-se e opõe-se à «simbiose», palavra que Eduardo Lourenço não usa senão para marcar a pertinência da oposição. A simbiose, ao contrário da osmose, é interpretada pela biologia como uma estratégia desproporcionada, em que um ser se serve de outro para sobreviver – sugando-lhe a seiva, o sangue, ou servindo-se da verticalidade alheia para alcançar a luz: as vantagens, ainda quando são mútuas, visariam somente um egoísmo individual a que é alheia a reciprocidade (tão valorizada por Stirling, em Hegel).

---

[39] E. Lourenço, *A Nau de* Ícaro, Gradiva, Lisboa 1999, p. 184.

[40] E. Lourenço, *A Morte de Colombo*, Gradiva, Lisboa 2005, p. 35.

[41] P Poma, F. Ribeiro [Entrevista a Eduardo Lourenço], «Eduardo Lourenço: amigo dos poetas", Revista *Desassossego*, Número Especial: Coletânea de Entrevistas. Vol. 13, n.º 24, Abril 2021.

Uma vez mais, não se trata de opor sentidos objetivos ou consensuais (o preto ao branco, o caos à ordem, a colonizador ao colonizado), mas de estudar o sentimento híbrido, nunca puro, com que usamos as palavras e as confundimos com as coisas. Os oxímoros de Eduardo Lourenço são feitos de conotações, dos sentimentos que as palavras guardam. Vivem também numa *matrioska*, em que a figura maior esconde figuras menores, figuras dentro de figuras, interrogações dentro de interrogações. O que é ser Português? O que é ser Europeu? Afinal, o que é Ser?

As imagens mais recorrentes na sua obra envolvem quase sempre uma coincidência de opostos: «a vida que exige a morte», e «a morte que exige a vida», o «espelho que devolve» e o «espelho que distorce», a «manta feita de retalhos», a «errância» e a «busca», a «deriva final», o «avesso do paraíso», a «transcendência histórica», a «imagem» e a «miragem», o antiquíssimo «rio que é sempre o mesmo» e ainda o «rio que é sempre diferente». O mais do que nos quer falar é do inefável que há no dizível e do dizível que há no inefável… Oxímoros.

Eduardo Lourenço tem-os especialmente em conta quando escolhe o título dos seus livros, ainda que eles não sejam óbvios, porque raramente são oposições denotativas. *A Nau de* Ícaro não é uma oposição entre transportes móveis e formas imóveis, como o labirinto: é ainda um labirinto que se navega, uma forma de navegação para quem não soube voar. A nau portuguesa é simultaneamente o pormenor de um quadro de Bruegel, o Velho, e o dado que reproduz e antecipa «A queda de Ícaro». *O Gibão de Mestre Gil* não marca qualquer contraste literal entre o gibão e o mestre Gil: é sobretudo uma anacronia perene (desde logo entre a vulgaridade do gibão e a especialidade do mestre), para depois da leitura do livro se tornar uma validação irónica das polémicas em que o próprio Eduardo Lourenço participou. Constata ele que as partes em disputa estão unidas pelo «comum desinteresse», e até comum «desprezo» pela compreensão dos processos dialéticos. Semelhante ironia perpassa em *A Morte de Colombo*, síntese da morte, lugar-comum, com Colombo, lugar-próprio. Ou hipoteticamente pel'*A Casa Perdida*, título que pensava ser adequado ao seu diário: como se o presente fosse feito de passados desaparecidos. *O Esplendor do Caos* é ainda essa emergência do caos num tempo presente, em que é expectável a ordem. Trata-se invariavelmente de um jogo de expectativas, depressa frustradas pela existência, e pela linguagem em que ela se traduz. Em Eduardo Lourenço, há sempre a consciência de quem não sabe (ou não pode) distinguir o cachimbo da representação do cachimbo:

> Enquanto dura, o que nós chamamos o caos evoca a ideia não apenas de confusão e desordem dos elementos, mas uma espécie de incapacidade do espírito para compreender e, ainda menos, dominar um estado de coisas, do mundo, da sociedade, da história, onde não se vislumbra a sombra de uma ordem.[42]

[42] E. Lourenço, «Caos e Esplendor", *O Esplendor do Caos*, p. 5.

Curiosamente, o título do capítulo, «Caos e esplendor», é uma previsível antítese que Eduardo Lourenço transformará em oxímoro no título do livro: *O Esplendor do Caos*. O título do livro é mais abrangente que o título do capítulo, mas sintomaticamente mais condensado e invertido, ganhando peso a palavra «esplendor». O livro, publicado nos Estados Unidos da América no início do século, pouco depois dos ataques de 11 de setembro, levantava o desconforto do sublime: pode o caos ter «esplendor»? Acabou por ser editado em inglês com o título do capítulo: *Chaos and Splendor & Other Essays* (2002). Como falar desse terrífico sublime de que já falava Longino, Boileau, Burke, Kant, Schiller? Como pode a ordem sair do caos? Não será ele já a intuição e o exorcismo de diferentes ordens?

> É neste plano que a vivência da caoticidade não só é neutralizada como se volve em vivência inversa, a do esplendor mesmo de uma pluralidade de "ordens" – como se fossem outros tantos mundos –, tão legítimas umas como as outras, como se a humanidade saísse radiosa das suas arcaicas cavernas para viver como uma possibilidade indefinida de se "divertir" pelo simples facto de ser capaz de converter a desordem dos seus desejos, o conflito da sua vontade, numa outra espécie de ordem que tem menos a ver com a antiga maneira de fazer história e ser história do que com a possibilidade de a tomar como pretexto para a sua existência cada vez mais virtual.[43]

O Esplendor do Caos vai focando outras tantas formas de «ordem» do mundo contemporâneo, o fim do século XX. Como vai longe, na verdade, a «valorização do indivíduo» tal como foi exaltada a partir do Renascimento! Como parece já desadequada a «exaltação das nações» num mundo tão globalizado! Eduardo Lourenço escreveu *O Esplendor do Caos* no princípio dos anos noventa do século passado, antes de qualquer impacto das redes sociais, da definição do algoritmo, das bolhas de pensamento estanque, de validamento interno. O livro, de 1994, ainda que o autor não tenha observado os efeitos da internet e a democratização de novos suportes culturais – sempre desestabilizadores porque cheios da novidade de novas formas de manipulação perante espectadores ingénuos – vai desdobrando um admirável mundo novo. Fala-nos dos dias já sem noite, da noite já sem breu, da amnésia do não-lugar, do não-tempo, da moral ditada pela eficácia ou pela vitória – *be a winner*… Esse novo individualismo contemporâneo, alheio ao bem e ao mal e sem consciência espácio-temporal, julga-o representado pelos *gangs* de jovens californianos que declaram não querer nada, não visar nada senão existir. Existir em oposição a uma sociedade que "não os deixa existir".

[43] *Ibid,* p. 10.

> Nada disto é novo, mas o que é novo é que este estado de coisas tem uma correlação estreita com a estrutura íntima da ordem (ou desordem) económico-política que é a nossa neste momento. O grau maior ou menor de *existência política* – ou tecnológica, económica, cultural – ou o défice de imagem de um povo só pode ser compensado por um messias, um salvador, que desça por nós ao limbo para nos fazer existir.[44]

O Caos é ainda o Nada? «O nada busca-se a si mesmo, o caos procura um nome para o seu tormento»[45]. Mas pensar o Nada é já vencê-lo, torná-lo Caos. Poderia Eduardo Lourenço escrever sobre este Esplendor do Nada, que claramente o lanceia? Poderia ele repetir James H. Stirling, «The Struggle to Hegel», *O Segredo de Hegel*?

> We are to understand, then, that Hegel, from first to last, is but touching or tapping, into its various successive forms, the primitive or original cell of the Notion — or the triune Reflexion. There is the crystal sphere — tap it — lines of reflexion glance in it by which there are seen two in one or a triple unity, Becoming, in which both Being and Nothing nestle.[46]

Referências bibliográficas

Antunes, M., «Iluminismo», *Enciclopédia VELBC. Ed. Século XXI*, Verbo, Lisboa 2000, vol. 15, cols. 482-492. Antunes

Baptista, M. Manuel (coord.), *Estudos*, Vol. I, Ed. Ver o Verso, Maia 2006.

— (coord.), *Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço. Dos críticos.* Ver o Verso, Maia 2004.

— *Eduardo Lourenço. A paixão de compreender*, Asa, Porto 2003.

Barrento, João, *O Género Intranquilo, Anatomia do Ensaio e do Fragmento*, Assírio e Alvim, Lisboa 2010.

Bessa Luís, Agustina, *Dicionário Imperfeito*, sel. Manuel Vieira da Cruz, Luís Abel Ferreira, Guimarães Editores, Lisboa 2008

Braga, Teófilo, *Contos Tradicionaes do Povo Portuguez*, Livraria Universal de Magalhães e Moniz Editores, Porto 1883.

Cruzeiro, Maria Manuela / Baptista, Maria Manuela, *Tempos de Eduardo Lourenço - Fotobiografia*, Campo das Letras, Porto 2003.

Jakobson, Roman, *Linguística. Poética. Cinema*. Trad. de Haroldo de Campos *et alii*. Ed.Perspectiva, São Paulo 2007.

[44] *Ibid,* pp. 28-29.

[45] E. Lourenço, *Tempo da Música. Música do Tempo*, p. 47.

[46] J. H. Stirling, *Op. Cit.*, p. 212.

Lausberg, Heinrich, *Elementos de Retórica Literária*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1972.

Lourenço, António Apolinário (ed.), *Mensagem*, de Fernando Pessoa, Angelus Novus/ Centro de Literatura Portuguesa, Coimbra 2008.

— *Fernando Pessoa*, Edições 70, Lisboa, 2009.

Lourenço, Eduardo, «Do discurso 'Sobre Deus'»[6, 1968] *O Tempo e o Modo, Antologia*, CNC/ FCG, Lisboa 2003, pp. 109-112.

— *A Morte de Colombo*, Gradiva, Lisboa 2005.

— *A Nau de* Ícaro. *Seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Gradiva, Lisboa 1999.

— *Destroços. O Gibão de Mestre Gil e Outros Ensaios*, Gradiva, Lisboa 2004.

— *Heterodoxias*. Obras Completas I, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2012.

— *O Espelho Imaginário. Pintura, Anti-Pintura, Não-Pintura*, Gradiva, Lisboa 2023.

— *O Esplendor do Caos*, Gradiva, Lisboa 2002.

— *O Labirinto da Saudade*, Gradiva, Lisboa 2020.

— *Ocasionais I*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1984.

— *Tempo da Música. Música do Tempo*, org. Barbara Aniello, Gradiva, Lisboa 2022

Machado, Luís; Agostinho da Silva, *A* última *conversa. Agostinho da Silva*, Editorial Notícias, Lisboa 2002.

Monteiro, Adolfo Casais, *A poesia de Fernando Pessoa*, org. José Blanco, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa 1999.

Pessoa, Fernando (pseud. Bernardo Soares), *O Livro do Desassossego*, Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha.Ática, Lisboa 1982

— *Mensagem*, Parceria António Maria Pereira, Lisboa 1934. Disponível *online*: http://arquivopessoa.net/textos/1274 (acesso em 20/3/2024).

Poma, Paola; Ribeiro, Fernando [Entrevista a Eduardo Lourenço], «Eduardo Lourenço: amigo dos poetas», Revista *Desassossego*, Número Especial: Coletânea de Entrevistas. Vol. 13, n.º 24, Abril 2021.

Ribeiro, Margarida Calafate/ Vecchi, Roberto, *Eduardo Lourenço: uma geopolítica do pensamento*, Ed. Afrontamento, Porto 2023,

Seabra, José Augusto, *Oxímoros*, Granito Editores, Porto 2001.

Sousa, Carlos Mendes de, «Eduardo Lourenço: a cidade, o poema», in *Relâmpago*, n.º 22, 4/ 2008, pp. 93-108. Disponível *online*: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/78024/1/Eduardo%20Lourenc%CC%A7o.%20A%20cidade%20o%20poema.pdf (acesso 20/3/2024).

Stirling, James Hutchison, *The Secret of Hegel: Being the Hegelian System in Origin, Principle, Form and Matter*, 2nd ed., Oliver & Boyd & Simpkin, Marshall & Co., Edinburgh/ London 1895. Disponível online: https://archive.org/details/thesecretofhegel00stiruoft/ (acesso em 24/3/2024).